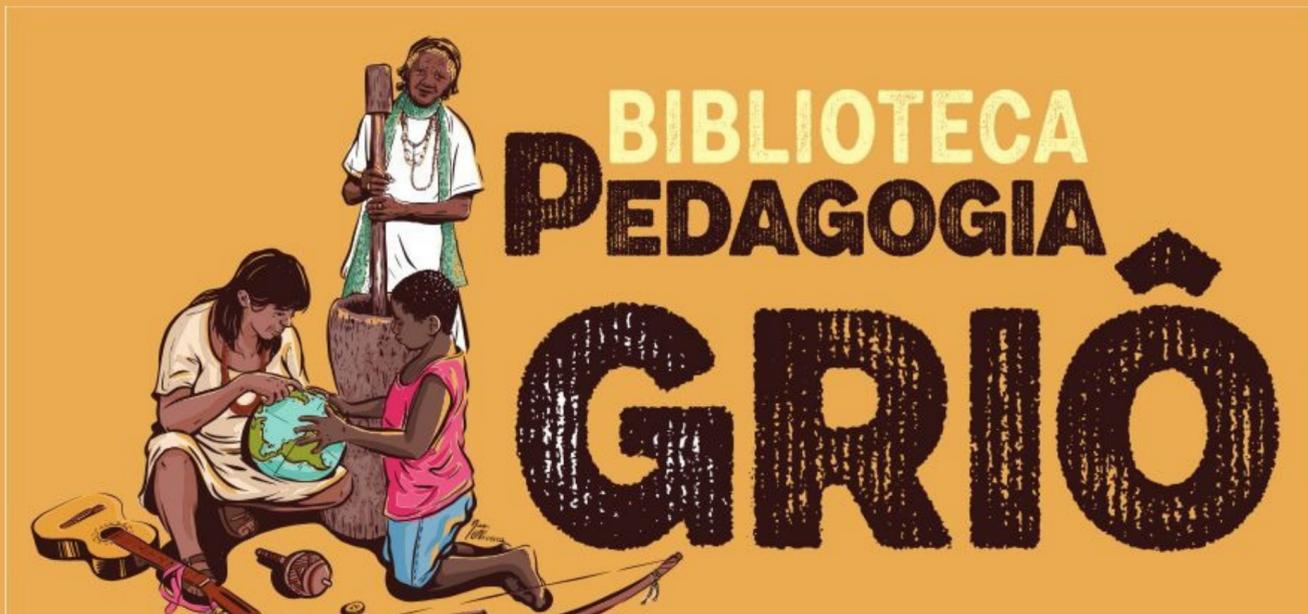


UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
ESCOLA DE FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA GRIÔ



ROSEVÂNIA MACHADO

**PERCURSOS DE UM JOGO DE TRILHA GRIÔ:**  
compreendendo a rede de transmissão oral  
das mestras e mestres griôs de terreiros de  
candomblé e de comunidades tradicionais da  
cidade de Salvador/BA

Salvador  
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

ROSEVÂNIA MACHADO

**PERCURSOS DE UM JOGO DE TRILHA GRIÔ:**

compreendendo a rede de transmissão oral das mestras e mestres griôs  
de terreiros de candomblé e de comunidades tradicionais da cidade de  
Salvador/BA

SALVADOR

2019

ROSEVÂNIA MACHADO

**PERCURSOS DE UM JOGO DE TRILHA GRIÔ:**

compreendendo a rede de transmissão oral das mestras e mestres griôs de terreiros de candomblé e de comunidades tradicionais da cidade de Salvador/BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Documentação do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia e Documentação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Me. Leyde Klebia Rodrigues da Silva

SALVADOR

2019

M149p Machado, Rosevânia

Percursos de um jogo de trilha griô: compreendendo a rede de transmissão oral das mestras e mestres griôs de terreiros de candomblé e de comunidades tradicionais da cidade de Salvador/BA / Rosevânia Machado. – Salvador, 2019.

60 f. ; il.

Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva.  
TCC (Graduação - Biblioteconomia e Documentação) –  
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação,  
2019.

1. Fontes de Informação. 2. Memória Coletiva. 3. Oralidade. 4. Jogo de Trilha Griô. 5. Terreiros de candomblé - comunidades tradicionais. I. Silva, Leyde Klebia Rodrigues da. II. Título.

CDD 394 – 22. ed.

ROSEVÂNIA MACHADO

**PERCURSOS DE UM JOGO DE TRILHA GRIÔ:**

compreendendo a rede de transmissão oral das mestras e mestres griôs de terreiros de candomblé e de comunidades tradicionais da cidade de Salvador/BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Documentação do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Biblioteconomia e Documentação.

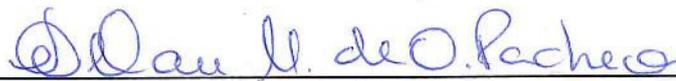
Aprovada em: 05 /julho/2019

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.ª Me. Leyde Klebia Rodrigues da Silva

**Orientadora**



Prof.ª Lilian Mércia de Oliveira Pacheco

**Examinadora**



Prof.ª Me. Carolina de Souza Santana Magalhães

**Examinadora**

Ao vento

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a terra e as suas infinitas possibilidades no gerar, ao vento que faz ruídos, dança com as folhas e refresca, ao tempo que passa vagorosamente quando estou vivendo bons momentos, agradeço a luz do sol e dos olhos de quem me ama, pois, me ilumina e me aquece. Sou grata às luas que me regra. Às águas de beber, de lavar e de benzer. Sem esquecer das águas que chorei e que aliviou minhas dores. Sou muito grata à chama da vida que se manteve acesa em mim, mesmo quando perdi o chão, essa chama me faz continuar. Sou grata às árvores frutíferas do meu quintal na infância, hoje devastado. Bicho do mato, não sei viver sem abraçar árvores, ouvir o canto dos pássaros, saborear frutas e folhas. Se existe amor em mim, metade foi a minha mãe quem me deu. Faço um tributo a minha mãe e ao amor que sempre existiu entre nós. Grata às mulheres da minha família que geração a geração moldaram a possibilidade de um destino melhor pra mim. Às minhas guianças ancestrais. Agradeço a todas as pessoas que me aceitam como eu sou e contribuem a todo o momento para que eu melhore – familiares, amigos(as), mestres(as), professores(as) e orientadora. Grata a todas as pessoas que sonharam comigo e me auxiliaram de alguma forma na construção deste trabalho, colaborando, apoiando e incentivando. Sozinha eu não faria nada. Agradeço a Escola de Formação em Pedagogia Griô que me aceitou como bolsista e tanto me ensinou, é uma honra poder contribuir. Agradeço sua generosidade ao ler essa produção sensível, científica, amorosa, partilhada.

Faça igual a uma planta pequena, não deixe de crescer porque tem outras na sua frente, enquanto você tá pequena fique na sombra das árvores. Mas, vá crescendo procurando o seu sol (Lucas Vasconcelos, 2019).

## RESUMO

A biblioteconomia tem arcabouço teórico e metodológico que podem oferecer suporte para elaboração de qualquer material informativo. O nosso trabalho trata sobre o processo de construção de um material didático que compõem as práticas pedagógicas da Pedagogia Griô, este será utilizado inclusive para atender a Lei 11.645/2008 que prevê a obrigatoriedade do ensino de história afro-brasileira e indígena nas escolas. O objetivo geral desse trabalho se configura, assim em compreender o uso e a apropriação dos mais diversos tipos de fontes de informação, através do processo de elaboração de um jogo de trilha griô para a manutenção e salvaguarda de parcela significativa da memória coletiva. Especificamente: documentar o processo de elaboração do jogo de trilha griô; identificar as fontes de informação utilizadas no processo de pesquisa do jogo de trilha griô; explicar como essas fontes de informação foram apropriadas e utilizadas no processo de aprendizagem e dos fazeres da produção do jogo de trilha griô; e, refletir sobre a importância da memória coletiva para a manutenção e salvaguarda da tradição oral das mestras e mestres griôs de alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais da cidade de Salvador/BA. A caminhada metodológica baseia-se na abordagem qualitativa, do tipo exploratória, descritiva e interpretativa, que teve como objeto, fontes de informação orais, obtidas a partir de conversas com mestras e mestres da tradição oral e demais conhecedores da história afroindígena da cidade. Como instrumento utilizou-se o diário de bordo. Para análise e interpretação dos dados, fez-se uso da corrente teórico-metodológica, a interseccionalidade. Nos resultados, o jogo de trilha griô é apresentado como uma produção partilhada que representa o território urbano de Salvador com as referências simbólicas e culturais dos espaços de terreiros, que pede a presença da comunidade em sua construção e ele deve ser feito com base em fontes, bicas e nascentes informacionais. E, por fim, nas considerações finais constata-se que é preciso potencializar o papel educacional da biblioteca e demais ambientes que tem por missão a disponibilização e acesso a informação, não só facilitar trânsitos informacionais, mas incentivar pensamento crítico, consciência comunitária e levantar problematizações sobre o senso comum.

**Palavras-Chave:** Fontes de Informação. Memória Coletiva. Oralidade. Jogo de Trilha Griô. Terreiros de candomblé - comunidades tradicionais.

## ABSTRACT

Librarianship has skills that can support the preparation of any information material. Our work is about the process of construction of a didactic material that make up the pedagogical practices of the Griô Pedagogy will be used to work Law 11.645 / 2008, which provides for the compulsory teaching of Afro-Brazilian and indigenous history in schools. The general objective of this work is to understand the use and appropriation of the most diverse types of sources of information through the process of elaborating a game of griô trail for the maintenance and safeguard of a significant part of the collective memory, an oral transmission network woven by masters and teachers from the candomblé terreiros and traditional communities of the city of Salvador. Specifically: document the process of crafting the griô trail game; identify the sources of information used in the research process of the griô trail game; explain how these sources of information were appropriate and used in the learning process and the making of the play of the griô track game; and to reflect on the importance of the collective memory for the maintenance and safeguarding of the oral tradition of teachers and griôs teachers from some of the most traditional candomblé terreiros in the city of Salvador / BA. The methodological approach is based on a qualitative, exploratory, descriptive and interpretive approach, which was based on oral sources of information obtained from conversations with teachers and teachers of the oral tradition and other experts on the afro-indigenous history of the city. The logbook was used as instrument. For the analysis and interpretation of the data, the theoretical-methodological current, the intersectionality, was used. In the results, the griô trail game is presented as a shared production that represents the urban territory of Salvador with the symbolic and cultural references of the spaces of terreiros, which calls for the presence of the community in its construction and it must be done based on sources , spouts and informational springs. And finally, in the final considerations, it is necessary to strengthen the educational role of the library and other environments whose mission is the availability and access to information, not only to facilitate informational transitions, but also to encourage critical thinking, community awareness and raise awareness. questions about common sense.

**Keywords:** Information sources. Colletive memory. Orality. Griô Trail Game. Candomble terreiros - traditional communities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	Curva da Vivência	22
<b>Figura 2 –</b>	Triângulos de encantamento e vivência	23
<b>Figura 3 –</b>	Modelo de ação pedagógica	24
<b>Figura 4 –</b>	Primeiros rascunhos (papel cartão e metro)	39
<b>Figura 5 –</b>	Rascunho reelaborado com o grupo no pano de tecido cru	39
<b>Figura 6 –</b>	Pintura do jogo com a colaboração de crianças	40
<b>Figura 7 –</b>	Turma e membros da equipe responsável pelo jogo	41
<b>Figura 8 –</b>	Primeiro modelo de cartela do jogo	41
<b>Figura 9 –</b>	Apresentação do andamento do jogo no módulo 10 do Curso de Formação em Pedagogia Griô que aconteceu em Lençóis/BA com a presença de formandos de outros estados do Brasil.	42
<b>Figura 10 –</b>	Confecção artesanal das cartelas do jogo que foram aceitas também pelo restante da turma	43
<b>Figura 12 –</b>	Mestre Zoinho e mestre Jurandir são do Centro Esportivo de Capoeira Angola - João Pequeno de Pastinha.	44
<b>Figura 13 –</b>	Finalizando a pintura do jogo durante o curso	45
<b>Figura 14 –</b>	Jogo finalizado	46
<b>Figura 15 –</b>	Cartelas finalizadas	47

### QUADROS

<b>Quadro 1 –</b>	Tipos de fontes utilizadas e sua classificação	49
-------------------	--	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>AUTOCONHECIMENTO, PESQUISA, ANDANÇAS, VIVÊNCIAS E SENSIBILIDADE</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>ALGUÉM AINDA LEMBRA DAS CANTIGAS DE RODA EM NOITE DE LUA CHEIA?</b>	<b>19</b>
3.1	Pedagogia griô	20
3.2	Memória coletiva	25
<b>3.2.1</b>	<b>Quem são os griôs?</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>O VENTO PEGA PELA PALAVRA: PODER E IMPONÊNCIA DE FONTES ORAIS</b>	<b>30</b>
4.1	ENTRE FONTES E NASCENTES	31
<b>5</b>	<b>A ESPIRAL: RESULTADOS ANÁLISES DISCUSSÕES</b>	<b>37</b>
5.1	JOGO DE TRILHA GRIÔ: UMA PRODUÇÃO PARTILHADA	38
<b>5.1.1</b>	<b>Elaboração do jogo de trilha griô</b>	<b>38</b>
5.2	FONTES, BICAS E NASCENTES	47
5.3	USO E APROPRIAÇÃO DAS FONTES ORAIS	49
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>55</b>
	<b>ANEXO A – Lei 11.645, de 10 de Março de 2008</b>	<b>57</b>
	<b>ANEXO B – Art. 216 Patrimônio cultural brasileiro</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Peço a benção aos meus ancestrais e aos mais velhos que me guiam, peço licença ao amor que existe entre o sol a terra e a lua. Eu sou Rosevânia Machado<sup>1</sup>.*

Cantigas de roda sob a lua cheia, samba de roda, festa junina, caruru de sete meninos, rezas de santo Antônio e capoeira, cresci nesse rico universo cultural no bairro tradicional do Engenho Velho da Federação, Salvador/BA, tendo convívio direto com mestras e mais velhos de raízes orais, guardiões da memória e da consciência comunitária deste lugar. Na minha rua a maioria dos moradores era de analfabetos, alguns dos meus amigos de infância não frequentavam a escola por não ter certidão de nascimento, venho dessa realidade onde as políticas públicas demoram a chegar, onde na verdade a própria comunidade se torna principal responsável por criar e exigir as políticas públicas.

Assim, quando conheci o curso de biblioteconomia percebi na sua missão social a potência desse equipamento de poderosa transformação social que é a biblioteca e para além dela, o ato de trabalhar com informação e o requinte de identificar confiabilidade das fontes informacionais, com os princípios de imparcialidade, democracia e ética para a disponibilização de informação utilitária atendendo as mais diversas demandas. Este fazer não pode ser um trabalho restrito a atender leitores assíduos, existindo a total abertura para inteirar os analfabetos funcionais, como também grupos de identidade como comunidades quilombolas, povos indígenas, mulheres negras, comunidade LGBTQ, portadores de necessidades especiais, entre outros que compõem grupos marginalizados pela sociedade.

Inserida na grande área das Ciências Sociais Aplicadas, a biblioteconomia ciente de seus notáveis compromissos sociais busca com atraso preencher lacunas cruciais, almejando abordar descentramento, descolonização e decolonialidade nas discussões acadêmicas. Estes movimentos surgem das mais diversas áreas já que busca atender a uma situação intolerável de silenciamento e segregação social dos povos originários, quilombolas, comunidades tradicionais e dos suburbanos nas

---

<sup>1</sup> As epígrafes deste trabalho seguem o objeto do mesmo, a oralidade como fonte de informação. Logo, todas são frutos dos diálogos e andanças trilhadas no decorrer desta pesquisa.

grandes cidades, que sofreram e sofrem um tratamento negligente à vista da história oficial.

Com isso, durante a elaboração do material didático *Jogo de Trilha Griô* sobre alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais da cidade de Salvador, enfrentamos dificuldades no levantamento inicial de fontes de informação acerca do tema por se tratar de nossas raízes afroindígenas. Nesse sentido, o terreno se torna movediço pelo teor fantasioso e tendencioso, até porque partimos do pressuposto que a história é escrita pelos colonizadores há centenas de anos, anos de escritos com intenções “ocultas” de diminuir e silenciar a nossa cultura. O que encontraremos de bibliografia negra e indígena é considerado recente e incipiente, se tomarmos como base uma história milenar que está presente desde o berço da humanidade. Para além disso, este é um material que busca principalmente preservar a rede de transmissão oral. Esse tipo de abordagem contrapõe algumas práticas que vêm sendo feitas em pesquisas acadêmicas, pois, não poderíamos chegar a uma mestra griô munidos de um formulário e numa postura de detentores do conhecimento que provavelmente o resultado nem chegaria próximo ao esperado (PACHECO, 2015). É preciso reconhecer e respeitar o protagonismo já existente das mestras e mestres em suas comunidades e a sua expertise em saberes e fazeres tradicionais, o pesquisador precisa assumir seu papel de humilde aprendiz diante desses mananciais de cultura.

Sendo assim, no decorrer deste processo utilizaremos os mecanismos de busca, ferramentas de pesquisa e fontes de informação providos pela Biblioteconomia, atestando a confiabilidade das informações coletadas e construindo um material informativo, educativo e dinâmico. Além de buscar promover memória afetiva, sentimentos identitários e conhecimento geral acerca do universo de terreiros de candomblé no território de identidade soteropolitano.

O conservadorismo ganhou mais espaço em nosso contexto político atual, por conta de notícias falsas e dos discursos de ódio que estão sendo legitimados pelas atitudes tomadas por nossos governantes. A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) publicou um infográfico com oito passos simples sobre como checar a veracidade da notícia (baseados no artigo de 2016 da FactCheck.org, “Como Identificar Notícias Falsas”). As notícias estão se espalhando com muita rapidez nas redes sociais, quanto mais absurda é a notícia mais rápido ela se alastra. Esta é uma pauta que precisa cada vez mais ser discutida

em nossa área, porque alternativas estão sendo criadas para filtrar as notícias verídicas.

Então, é preciso fortalecer ainda mais as ligações com a educação, atuar nos meios de comunicação com esse propósito de amenizar os efeitos dessa descrença generalizada no sistema democrático, sobretudo no convívio saudável com a diversidade e o respeito com o outro. A importância de um trabalho como esse, chega a ser imensurável para manutenção da esperança, porque essa onda de fake news está carregada de racismo, preconceito, intolerância e incitação a violência, todos potencializados pela desinformação.

Em encontros nacionais, reuniões e debates, nas experiências em sala de aula, em minicursos e oficinas ou até mesmo no acervo especializado disponível na biblioteca sobre o curso de biblioteconomia e documentação pude perceber que essa graduação não apresentava um universo no qual eu me identificava, a abrangência do que foi ofertado no curso não me contemplava. Com isso passei a buscar na sociedade demandas mais emergenciais, levando-as para o ambiente acadêmico, em contrapartida, os problemas sociais que levei não foram acolhidos ou geraram debates que me desestimularam como pessoal e profissional. O caminho percorrido para chegar neste tema, e mais, para chegar a uma orientação foi longo e difícil, um esforço conjunto, porque acredito que o TCC não é um trabalho solitário quando se decide falar dos grupos socialmente marginalizados. Em minha fala represento mulheres negras, indígenas, em minha fala trago pessoas que não tiveram acesso a educação ou que, como eu, receberam um ensino público precário, as que tiveram seus sonhos ceifados não tendo o direito de planejar a longo prazo já que é preciso garantir sobrevivência a cada dia. Em mim carrego uma memória de luta ancestral.

Neste trabalho pode-se notar, muitas vezes, a predominância de uma visão crítica em relação ao curso de Biblioteconomia e Documentação e a área de Ciência da Informação, pois, entendemos que ao priorizar os saberes tradicionais, evitamos reproduzir os mesmo discursos e até mesmo silenciar as nossas ideias e dos atores sociais, por meio da oralidade, e que são os protagonistas dessa narrativa.

Mas, evitando os pormenores das "podas" que sofremos ao longo da graduação, após longas caminhadas com temas que não vingaram, chegamos por intermédio do curso de Pedagogia Griô à tarefa de elaborar um jogo de trilha griô acerca de alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais da cidade de

Salvador/BA, um trabalho de produção partilhada tão grande que decidi falar sobre esse processo de elaboração na academia por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Com isso, encontramos uma forma de testar as ferramentas e a eficácia do que lançam a luz da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como uma pesquisa cujas fontes são orais ganha confiabilidade? A Ciência da Informação realmente explora todas as fontes de informação? Os seus mecanismos de busca nos ajudam até que ponto? Poderíamos afirmar que existe interseccionalidade na Biblioteconomia? Apenas livros e audiovisuais merecem a atenção salvaguardista da biblioteca?

O objetivo geral desse trabalho se configura, assim em **compreender o uso e a apropriação dos mais diversos tipos de fontes de informação, através do processo de elaboração de um jogo de trilha griô para a manutenção e salvaguarda de parcela significativa da memória coletiva**, sobretudo a rede de transmissão oral tecida pelas mestras e mestres griôs de terreiros de candomblé e de comunidades tradicionais da cidade de Salvador. Assim sendo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) documentar o processo de elaboração do jogo de trilha griô;
- b) identificar as fontes de informação utilizadas no processo de pesquisa do jogo de trilha griô;
- c) explicar como essas fontes de informação foram apropriadas e utilizadas no processo de aprendizagem e dos fazeres da produção do jogo de trilha griô;
- d) refletir sobre a importância da memória coletiva para a manutenção e salvaguarda da tradição oral das mestras e mestres griôs de alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais da cidade de Salvador/BA.

Estamos tecendo uma linda rede que vem revelando coisas íntimas de todos os envolvidos e não só a nossa identidade exclusivamente, mas a identidade de nações, povos e comunidades negras.

A biblioteconomia tem competências que podem oferecer suporte para elaboração de qualquer material informativo. O nosso trabalho trata sobre o processo de construção de um material didático que será utilizado inclusive para trabalhar a Lei 11.645/2008 que prevê a obrigatoriedade do ensino de história afro-

brasileira e indígena nas escolas. Este é um material oriundo de fontes e nascentes de informação que revelam dados informacionais, histórias e curiosidades acerca de alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais da cidade de Salvador e seus assuntos correlatos de maneira lúdica e educativa.

Assim, a relevância deste trabalho se manifesta no campo da pesquisa ao explorar diferentes fontes de informação, na manutenção da rede de transmissão oral, na preservação da memória coletiva e de patrimônios culturais imateriais. E se estende a convidar, pensar a atuação de profissionais da educação e da biblioteconomia para com este recurso educativo acerca de temas negligenciados e muitas vezes estigmatizados pela sociedade.

No primeiro capítulo “Introdução” apresento a contextualização do tema, introduzindo a problemática do estudo, apresentando as justificativas, refletindo as relevâncias (social, científica e pessoal), assim como o objetivo geral e os específicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa;

O segundo capítulo “Autoconhecimento, pesquisa, andanças, vivências e sensibilidade” traço o percurso metodológico, explicando a análise interseccional, o instrumento de pesquisa (diário de bordo) e o eu-nós da narrativa em primeira pessoa;

O terceiro capítulo “Alguém ainda lembra das cantigas de roda em noite de lua cheia?” vem relatar o meu primeiro contato com a Pedagogia Griô sua metodologia e reflexões acerca da memória coletiva;

No quarto capítulo “O vento pega pela palavra – poder e imponência de fontes orais” relato como se deu minha relação com as fontes orais consultadas;

O quinto capítulo “A espiral – resultados análises discussões” traça o processo de elaboração do jogo, como iniciei minha caminhada, as fontes consultadas e de que forma me apropriei e apliquei as informações obtidas no jogo;

No capítulo seis “Considerações finais” apresento as limitações da pesquisa, bem como algumas sugestões para pesquisas futuras.

## 2 AUTOCONHECIMENTO, PESQUISA, ANDANÇAS, VIVÊNCIAS E SENSIBILIDADE

*Eu vi o medo e a insegurança contando histórias de coragem sobre você (risos). Bons ventos, meu bem! vamo caminhando [...] um dia de cada vez! - Mafá.*

A nossa caminhada metodológica de abordagem qualitativa busca interpretar, descrever e explorar elaboração da prática pedagógica do jogo de trilha griô sobre alguns dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Salvador/BA.

O jogo de trilha griô Nações Afroindígenas em Salvador, é uma prática da pedagogia griô, foi produzido pela educadora griô Rosevânia Machado, Priscila Martins, Izabel Dantas, Naiara Santos, envolvendo os saberes e fazeres de mestras e mestres griôs Vovó Cici, Makota Valdina, Mestre Zoinho, Mestre Jurandir e Professor Cardoso, no contexto do curso de Formação da Pedagogia Griô como principal trabalho de produção partilhada da totalidade do curso da turma de 2018, assessorado por Lillian Pacheco.

A Pedagogia Griô tem raízes na cidade de Lençóis na Chapada Diamantina/BA, e possui ramos por todo o Brasil, resultante das ações que partiram dessa iniciativa, por isso, a pedagogia griô tem parceria com várias universidades estaduais e federais do país e recentemente desenvolveu parceria com a Universidade Federal da Bahia, trazendo pela primeira vez o curso de formação em Pedagogia Griô para a capital baiana.

A Escola de Formação em Pedagogia Griô atualmente oferece o curso completo em pedagogia griô, cuja periodicidade é mensal com a carga horária de 200h, atuando em cinco estados (Rio de Janeiro, Sergipe, São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia) envolvendo mais de 330 educadores, conta com o apoio da USP, UFRGS, UFBA, Instituto José Bonifácio/RJ e coletivos como Nzinga Capoeira Angola/SP e Escola Comunitária Jataí/SE.

Atualmente, um dos principais projetos da Escola de Formação na Pedagogia Griô é uma pós graduação no Núcleo Diversitas USP para especialização anual de 40 estudantes e a gestão partilhada da escola nos diversos estados do Brasil para a formação anual de 80 educadoras e educadores, principalmente de comunidades de periferia e rurais, de escolas e universidades públicas. (PACHECO, 2019, p. 2)

Conta também com um dossiê na revista *Diversitas* cujas produções são de pessoas que passaram pelo curso de formação, chama-se Dossiê Pedagogia Griô. Trarei um pouco mais sobre a Pedagogia no próximo capítulo.

No campo da pesquisa social, nossa caminhada investe no caráter qualitativo, pois esta abordagem propicia abertura para buscar compreender e interpretar os aspectos, subjetivos (percepções, sentimentos, comportamentos) acerca do nosso estudo. E mais, Alves e Aquino (2012, p. 81) nos atentam que a abordagem qualitativa é:

uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais.

E reiteram que este:

é o tipo de pesquisa que permite adentrar, de forma mais profunda, o universo dos fatores condicionantes/motivadores da ação humana, que é social em sua gênese e desdobramento, e responsável pela produção do mundo humano, portanto, de seus fenômenos, e a informação é um deles. (ALVES; AQUINO, 2012, p. 90).

Para isso ao longo da pesquisa contamos com fontes de informação orais a partir de conversas com mestras e mestres griôs da tradição oral e demais conhecedores da história afroindígena da cidade. As atividades de pesquisa, escrita e construção do jogo de trilha ocorreram concomitantemente, sendo registradas em fotos, ilustrações e nas escrevivências no instrumento de pesquisa, o diário de bordo. Tipo de pesquisa exploratória, descritiva e interpretativa, a busca se dá sob a análise da interseccionalidade de classe, raça, gênero e religiosidade.

Na fase inicial de levantamento da literatura, mapeamento e estudo acerca do jogo de trilha se manifesta a fase exploratória da nossa pesquisa uma vez que essa é na verdade uma preparação para a fase descritiva da pesquisa quando buscaremos registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados (SEVERINO, 2007, p. 123). Sendo assim,

[...] é preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma *identidade entre sujeito e objeto*. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos (MINAYO, 2002, p. 14).

As frases que encabeçam o início de cada capítulo são alguns dos valiosos conselhos e incentivos que meus guias me presentearam generosamente, tudo foi anotado em meu diário de bordo, instrumento de pesquisa, companheiro de andanças onde descrevi, desabafei, e relatei desde as minhas vivências até às minhas angústias, meus medos, sonhos e pesadelos que tive no decorrer dessa vasta aprendizagem e agora é partilhado aqui. Araújo, Dolina, Petean, Musquim, Bellato e Lucietto (2013), acentuam as potencialidades deste instrumento, pois, o diário de pesquisa além de auxiliar na sistematização das etapas da pesquisa, as vivências e as diversas narrativas do processo da pesquisa. Ele também é utilizado para:

retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término (ARAÚJO; DOLINA; PETEAN; MUSQUIM; BELLATO; LUCIETTO, 2013, p. 54).

Ao que concerne o método para análise e interpretação dos dados, fizemos uso de uma corrente teórico-metodológica, considerada pela pesquisadora negra Carla Akotirene (2018, p. 54) como “sensibilidade analítica” – a interseccionalidade. A partir da visão desta autora entendemos que essa corrente teórica quando utilizada como metodologia “impede reducionismos da política de identidade - elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável’ e investigam os cenários conflituosos de choques e impactos causados entre as estruturas que geralmente não conseguem lidar com os tipos de “discriminações interseccionais”.

A interseccionalidade foi conceituada por Kimberlé Crenshaw, após a Conferência Mundial de Durban, que buscava instrumentalizar especialistas em torno dos compromissos estabelecidos pelas Nações Unidas, desestabilizar o padrão de poder moderno, cruzar as diretrizes da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e Convenção para a Eliminação de todas as formas de Discriminação Contra Mulheres (CEDAW) (AKOTIRENE, 2018, p. 67).

Esse método tem como princípio a adoção de 3 (três) premissas: “instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero, sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários e atenção global para a matriz colonial

moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão” (AKOTIRENE, 2018, p. 15).

Assim, nessa pesquisa, navego pelos rios e praias da cidade de Salvador e também atravesso o Atlântico através das contações de histórias da mestra griô Vovó Cici, nos livros do mestre Didi e os de Vanda Machado, viajo nos escritos de Fu-Kiau, Hampâté Bâ, entre outros, este instrumento está composto de anotações sobre viagens, vivências, conversas, encontros, sonhos e leitura, a reunião de tudo isso resulta nesta pesquisa. Como compreenderia o outro se não compreendo a mim mesma? Então essa pesquisa é sobre mim também, mulher negra, descobrindo a minha raiz indígena, ciente da presença do colonizador em minha rama, sou periférica, baixa renda, uma cotista sonhadora/viajante.

O jogo de trilha Nações Afroindígenas em Salvador é uma produção partilhada, contudo faço deste trabalho um espaço para compartilhar como foi a minha experiência nas minhas andanças para contribuir nessa produção.

Como forma de trazer outras narrativas e mais características orais para o texto, escrevo em primeira pessoa, no intuito de me colocar como autora dessa monografia/ educadora/bibliotecária revelando e firmando que posição eu ocupo hoje diante deste lugar social já posto (periferia de Salvador, sem educação básica de qualidade, sem saneamento básico, sem qualidade de vida). Buscando compreender “o ‘eu-nós’ como uma intrínseca relação de alteridade que une à voz e à autoria individual, o ‘eu’ enquanto sujeito histórico, o ‘nós’, a memória coletiva/mítica da tradição ancestral comunitária. [...] a autoria coletiva e a autoria individual enquanto correlação intrínseca” (DORRICO, 2017, p. 226)

Escrevo na primeira pessoa, mas sem esquecer as memórias de luta abrigadas em meu útero, buscando cura para as dores que carrego e que não são minhas. Peço a bença à minha ancestralidade e me afirmo na roda da vida, eu sou Rosevânia Machado e estou inteira em tudo que faço.

### 3 ALGUÉM AINDA LEMBRA DAS CANTIGAS DE RODA EM NOITE DE LUA CHEIA?

*Qual é a sua sensibilidade? Como ela se manifesta? É preciso saber disso para não ficar se sentindo estranha ou com a energia baixa sem saber o motivo. E como você vai fazer para externar essa sensibilidade? Eu escrevo poesias. - Professor Edson Cardoso*

Tenho a sensação de que estamos sob diversos regimes de ótica conservadora que sobrepõem nossos costumes originais. Em minha comunidade cresci aprendendo com minhas mais velhas as brincadeiras tradicionais da infância delas e participando das festas tradicionais organizadas com a colaboração de todas as pessoas da comunidade. Porém, quando ingressei no colegial mesmo sem perceber fui me deslocando do seio comunitário e conseqüentemente contribuindo para a quebra de alguns dos costumes da minha comunidade.

Na escola aprendemos sobre outras culturas e os materiais didáticos aos quais eu tive acesso me apresentaram um olhar depreciativo sobre o nosso povo e eu me apropriei deste olhar inconscientemente, me afastando das minhas raízes e sem interesse por minha própria história. Perdi meus familiares mais velhos sem nunca ter perguntado de suas origens, suas lembranças e dores, eu sou fruto dos meus ancestrais, carrego traços, manias, impulsos que desconheço de onde vem justamente por não ter aproveitado mais os meus momentos com meu vô Argemiro, por exemplo. Hoje percebo que uma pessoa sem passado é completamente vulnerável a manipulações e a alienação em seu grau máximo, “o esquecimento, que atravessou o rio Letes<sup>2</sup>, é letal. Conduz também a letargia da cognição do presente” Ecléa Bosi (2003 p. 44). Existe um colonialismo moderno e muito bem camuflado que quer que a gente se esqueça, a memória nos faz guerreiros e não nos querem lutando, posso perceber isso lá mesmo com meus vizinhos. Nos últimos anos sofremos com a chegada de um sistema doutrinário que perpassa por um processo de entrega, uma conversão que precisa ter o esquecimento como aliado, pois, o incentivo é que a pessoa renasça com o ímpeto de começar do "zero", se desfazendo de crenças, práticas e comportamentos antigos, adotando uma nova conduta onde o passado do convertido torna-se mundano.

---

<sup>2</sup> Segundo o mito de Er, o rio Ameles ou rio Lete (rio do esquecimento) quem bebe de sua água perde a memória de tudo, esquecem todas as lições e avisos ofertados no mundo superior. Este mito é relatado no livro República, de Platão, livro X, de 614b a 621b.

O modo como a sociedade se organiza e as mudanças no cenário político e econômico do país desde o emprego com carga horária maior, os engarrafamentos no trânsito, enfim o tempo que passamos distante de casa e também as escolas onde as crianças e adolescentes sentam-se enfileiradas sem contato físico ou visual com seus colegas, diante de uma só pessoa possuidora do poder da fala na qual é ignorada todas as suas bagagens pessoais. Tudo isso contribui para que a comunidade perca a força, voltando a falar especificamente da minha, isso se mostra decisivamente na dificuldade de se lembrar práticas cotidianas do passado, a exemplo de um dos meus tios, que durante uma conversa nossa fiz ele se lembrar de um passado que ele havia apagado desde o seu "renascimento": ele lutou contra a ditadura militar e tinha "esquecido" o quão foi doloroso, já que atualmente ele assumia um discurso extremamente conservador ao qual eu me apavorei. Pude presenciar que suas lembranças o sensibilizou e o envergonhou, mas infelizmente como convertido a uma outra conduta ele tratou de desconversar, muito envergonhado pelo menos.

Em uma disciplina de ação curricular em comunidade e sociedade, me deparei com um novo modelo de aula, desprezando os calçados e as cadeiras sentávamos no chão com pés descalços e em roda, assim o olhar do professor podia alcançar a todas as pessoas da roda, o poder de fala era democrático, sempre tínhamos o momento de compartilhar nossos saberes também, um ritual de vínculo e aprendizagem transformou a turma dessa disciplina em grandes amigos, a elaboração do conhecimento resultou em lindas produções partilhadas. As danças e cantos tradicionais tiveram seus mestres/mestras e comunidades referenciadas e reverenciadas. Eis que me foi apresentada a Pedagogia Griô.

### 3.1 PEDAGOGIA GRIÔ

Nosso país esteve em regime de redemocratização desde 1985 até a promulgação da Constituição de 1988, e o ensino nas escolas também percorre lentamente este processo. Porém, o modelo que alcancei em minha caminhada estudantil, foi obedecendo a um sistema que nos cala por horas e horas a fio, ouvindo os professores passarem todo o conteúdo exigido no ano letivo. O nosso conhecimento, desprezado, se manifesta dando a entender que é resultado somente do que foi passado em aula.

A Pedagogia Griô criou um modelo de ação pedagógica que traz para o cerne a identidade, ancestralidade e o direito à vida, se utiliza de cantos e danças tradicionais para por "fim" trabalhar conteúdos como, música universal, psicomotricidade (ciência do movimento e do corpo), emoções humanas universais, mitologia de outras culturas e povos, história da região, país e mundo e as ciências e artes contemporâneas. Seguindo a metodologia oferecida por essa pedagogia, é possível tornar notável o conhecimento prévio que já carregamos acerca dos mais diversos temas. Todas as pessoas possuem sabedorias fragmentadas acerca de todos os conteúdos, a pedagogia griô nos auxilia a acentuar, esquematizar e mostrar aproveitamento sobre o conhecimento que cada pessoa carrega em suas bagagens pessoais. Esse processo é entremeado de encantamento e partilha, assim todas as pessoas que participa de uma aula ou vivência griô percebe que já sabia algo sobre o que foi trabalhado e passa a valorizar mais o seu próprio saber.

A Pedagogia Griô é uma pedagogia facilitadora de rituais de vínculo e aprendizagem entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, saberes ancestrais de tradição e as ciências/artes/tecnologias universais, por meio de um método de encantamento, vivencial, dialógico e partilhado para a elaboração do conhecimento, geração da consciência comunitária e de um projeto de comunidade/humanidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração do direito à vida. (PACHECO, 2017a, p. 1).

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô tem por símbolo uma espiral, pois, tudo pode ser continuando, essas práticas revisitam temas e seguem a fórmula orgânica de tempo que a tradição oral nos ensina sempre. Não sendo totalmente cíclica ou linear, mas em espiral, sempre revisitando alguns processos, assim é a vida.

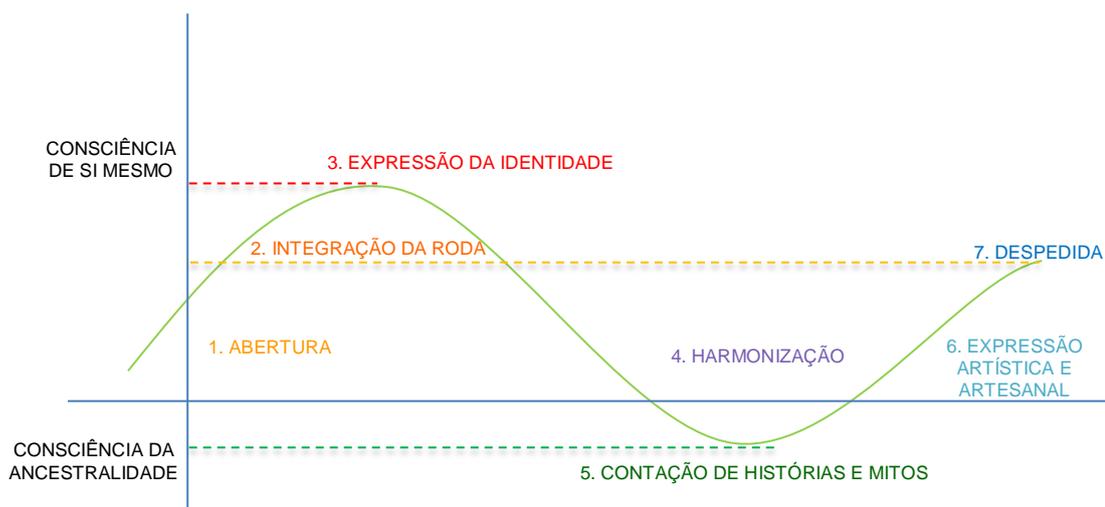
Os processos vivenciais são inspirados na biodança de Rolando Toro (2002) e na educação biocêntrica de Ruth Cavalcante (2015) então as práticas seguem a curva da vivência sugerida por Toro, *Música - Movimento - Emoção*. Nos rituais de vínculo e aprendizagem é utilizada a curva da vivência para que se torne possível o acesso ao que é proposto pelo modelo de ação pedagógica, transformando a tríade em *Canto tradicional - Dança tradicional - Sentimentos identitários*.

O movimento espiral (pensando em sua ciclicidade fluida) se dá não no processo de ensino aprendizagem e partilha do conhecimento como um todo, mas nas ondas vivenciais, por se tratar de diversos momentos que respeitam nossos

processos orgânicos propiciando o acesso a identidade humana para mais a frente chegarmos à compreender e alcançar a consciência comunitária.

A curva da vivência obedece a ritmo e ciclos vivos da natureza Pacheco (2006), a vivência precisa de abertura e fechamento, os níveis vivenciais precisam se autorregular gradativamente de forma sutil e confortável. Inicia-se a vivência a partir do encantamento e dos sentimentos identitários despertados pelas palavras, convites e símbolos utilizados na chamada roda de benção, a curva começa com cantos tradicionais e danças, integra-se o grupo com brincadeiras, cantigas de trabalho, chega-se ao topo da curva da vivência onde é propícia a expressão da identidade e levemente transitamos do ritmo acelerado ao ritmo de embalo das canções de ninar e nessa ambientalização de regressão sutil se dá a contação de histórias e partilha de memórias, mitos, lembranças, chegando, encontros dialógicos, o momento das produções partilhadas onde se fecha a elaboração do conhecimento, a vivência é fechada com mesmo ritmo que iniciou, despertando o grupo, reativando-o novamente.

**Figura 1 – Curva da Vivência**



Fonte: Adaptado por Lilian Pacheco (2017a, p. 2)

O modelo de ação pedagógica de Lilian Pacheco (2006) propõe um hexágono, composto de triângulos potencializadores de diálogo e produção partilhada.

A espiral evolutiva ascende no entorno do hexágono avançando e retornando aos temas que se encontram no cerne do modelo de ação pedagógica – *identidade, ancestralidade e a vida em comunidade* – percebidos através de cantos e danças tradicionais, sentimentos identitários despertados e enlaçados a mitos arquetípos e símbolos presentes nas histórias de vida e histórias da comunidade assim como na ciência, artes e ofícios tradicionais. Ascendendo a temas mais amplos, universalizados, essa ascensão não despreza o conhecimento basilar tradicional da comunidade, ao contrário é nesse caminho que os temas do mundo e o país estarão mais carregados de sentido.

**Figura 2 – Triângulos de encantamento e vivência**

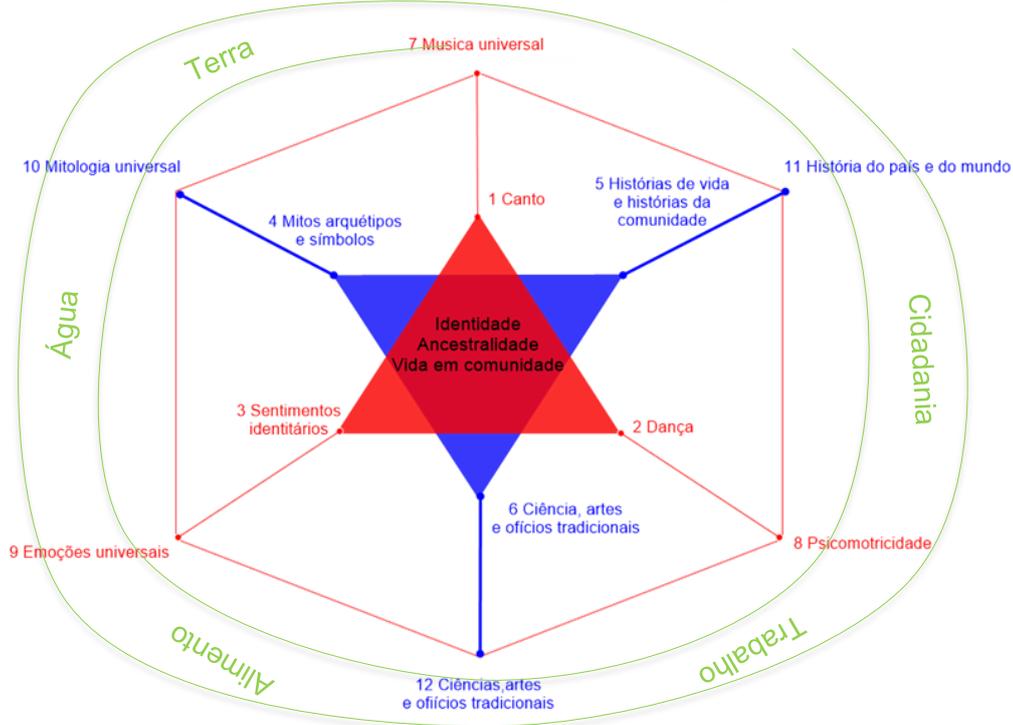


Fonte: Lilian Pacheco (2017a, p. 4)

Vive-se o agora com referência em um passado vivo que orienta e organiza o presente, as respostas e os caminhos para construção de identidade estão no passado que é onde se encontra toda a sabedoria dos ancestrais. (OLIVEIRA, 2003)

Por isso, o movimento espiral é tão ilustrativo para essa forma de perceber o tempo, pois, ao nos reconhecer em nossa ancestralidade podemos ter mais percepção sobre como proceder no tempo presente. Não querendo dizer que reproduziremos o que fora vivido por nossos ancestrais, mas para obter sábios subsídios nas mudanças do tempo presente, a tradição é mutável, mas exige fundamentos e a construção da identidade requer raízes ancestrais.

**Figura 3 – Modelo de ação pedagógica**



Fonte: Lilian Pacheco (2017a, p. 5)

Toda esta ascensão que trago aqui tem por intenção alcançar novos níveis de consciência. Ao final da vivência, aula griô ou até mesmo após uma aula espetáculo a Lilian Pacheco (2006) enfatiza que precisamos do diálogo, da problematização e não podemos deixar escapar o momento ideal para concretizar a consciência alcançada uma vez que fecundou-se sentimentos, gerou-se palavras grávidas de sentido, fez-se um transito pelos níveis de consciência durante a partilha das palavras grávidas e a alteridade do lugar de fala de cada um. Chega o momento de concretizar para que nasça o sonho coletivo que construído, a produção partilhada – é nesse momento em que se arremata a evolução de cada um, é a hora de parir sentimentos palavras e consciência que foram geradas durante a vivência e o círculo de cultura.

A pessoa facilitadora de todo o processo precisa cuidar para não devolver respostas ao grupo, pois, isso seria um aborto espontâneo de toda a consciência gerada, é preciso devolver problematizações, incentivar pensamento crítico sobre si e sobre a realidade. Evitando a lógica de uma aula expositiva.

Paulo Freire em seu livro *Conscientização: teoria e prática da libertação* (1980) discute a educação problematizadora trazendo também os níveis de

consciência. E é fundamentada nessa ideia do autor que a escritora Lilian Pacheco (2017b, p. 7) tece este comentário sobre o exercício da problematização, refletindo que:

Problematizar é examinar criticamente as ações do dia a dia e as opiniões acerca da realidade, da vida, de si mesmos e de sua rotina que é naturalizada preconcebida [...] Problematizar desnaturaliza a realidade como algo fixo natural para tornar algo histórico mutável. Algo que possui forças da história que estão movimentando. Problematizar é questionar como isso acontece e qual o meu lugar e participação nas forças que movem a realidade? O indivíduo se percebe sujeito ativo da história entre outros sujeitos.

Com forte referência em Paulo Freire a Pedagogia Griô considera os três níveis de consciência enumerados pelo autor: intransitiva ou mágica; transitiva ingênua e a consciência transitiva crítica. Após refletir e se debruçar na literatura de Freud, Yung e Toro a autora Lilian Pacheco lança luz aos níveis de consciência proposto por Paulo Freire e nos revela um novo viés, acrescenta o nível de consciência transitiva comunitária que transita entre a realidade e o inconsciente individual, também o coletivo e vital. Este é

Um tipo de consciência que cria vínculos afetivos e culturais fortes com a realidade e o inconsciente por meio da vivência e apropriação afetivo-corporal do poder das cantigas, das danças, dos sentimentos identitários, das histórias, mitos, símbolos e ofícios tradicionais de um povo. Estes potenciais afetivos e culturais é que formam no fio condutor entre a realidade e o inconsciente. (PACHECO, 2017b, p. 10)

A tomada da consciência comunitária oferece subsídios para a problematização, mediação e elaboração do conhecimento. Que virão a ser firmadas nas produções partilhadas “que dão sentido afetivo e cultural e a sua caminhada no mundo, quiçá por um mundo afetivo, solidário, culturalmente inteligente, porque diverso”. Lilian Pacheco (2017b, p. 11)

A nossa ancestralidade semeou sonhos coletivos que estão contidos em nossa memória afetiva e temos por missão cultivá-los para que se realizem. Temos em nós essa força que nunca seca<sup>3</sup> e que buscou perpetuar em pleno equilíbrio a memória coletiva que resguarda nossa história de luta.

---

<sup>3</sup> Referência à música *A força que nunca seca* dos compositores: Francisco Cesar Goncalves / Vanessa Mata.

### 3.2 MEMÓRIA COLETIVA

As práticas vivenciais da pedagogia são repletas de maneiras que acionam sentimentos identitários, memória afetiva, desperta memória olfativa, auditiva, sensitiva. Por isso, o momento da chamada produção partilhada ou até mesmo na contação de histórias, memórias e lembranças abre-se um portal luminoso propiciador de trocas cruzadas, enlaçadas como numa tecelagem cuja a obra final revela mitos e/ou sonhos coletivos dos quais se ampliam o espectro representativo de grupo à comunidade, cidade, estado, país etc.

O mito está presente na contação de histórias e nas aulas espetáculo por mexer com memórias e linguagens muito próximas, principalmente, dos que tiveram contato com a oralidade mais intimamente em sua infância e cotidiano. “O mito é a forma escolhida para compreender o sagrado, também os pensamentos, sentimentos e sonhos. O mito é o sonho coletivo”, compreende Vanda Machado (2017, p. 57).

Os mitos estimulam o pensamento reflexivo, a mudança de comportamento, dá lições relacionadas à ética, caráter e humildade que acabamos por adotar em nossas ações interpessoais os aprendizados passados por meio dos mitos e contos que nos chegam.

Por isso é perceptível que quando há um sistema no qual os mitos só contam a história de uma das partes ou que esses não se mostram interessados buscando criar um imaginário que dialogue com seus interesses, por exemplo, numa sociedade machista como a nossa não é difundido um conto sobre uma mulher guerreira, independente, com autonomia sexual e reprodutiva, é claro que para essa sociedade é mais cômodo fomentar um imaginário que as mulheres briguem entre si por motivos fúteis, rebaixando a relação feminina à rivalidade e dando a entender que é sinônimo de sucesso se casar e jamais pensar em separação. O famoso e ilusório “felizes para sempre”.

Por vezes o mito tradicional é visto como uma mentira nas sociedades industrializadas, consideram que as informações são fantasiosas e por isso falaciosas. Mas nas comunidades tradicionais, entre os povos originários o mito é um costume que zela a sabedoria do seu povo, memória, mistério e segredo se entrelaçam e resultam em uma história interessante cheia de avisos e informações sábias e são transmitidos nas relações intergeracionais.

A tradição oral fortalece a ancestralidade como um patrimônio cultural formado por um verdadeiro tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente geração em geração, não apenas pelas artes e religiões, mas por diversas áreas de conhecimento. Forma uma teia ancestral de transmissão oral ligando os fios familiares e comunitários das redes de transmissão do saber onde a palavra, o diálogo e a vivência nutrem o sagrado da vida. É, portanto, um sistema de educação informal que se pauta em uma memória vivencial afetiva, cognitiva e motora (corporal). (CAVALCANTE; GÓIS, 2015, p. 272)

Os mitos assim como as cantigas de roda, ciranda, samba de umbigada, cantigas de trabalho, plantio e colheita preservam a memória coletiva e cultivam saberes sobre a sacralização da celebração da vida, já que as condições nunca foram fáceis, mas a nossa ancestralidade resistiu/resiste cantando e dançando, nessas práticas estão imbricadas uma educação pautada no respeito aos mais velhos, no senso de partilha e cuidado com o outro. Uma vez que,

A herança cultural, o conjunto de saberes, o mito, o canto, a dança, os provérbios, as diversas narrativas vivenciadas ampliam a percepção que ajuda a compreender a vida em sua interdependência como um enredo que permite dar significados a todos os acontecimentos do mundo em todos os tempos. Este é o sentido que traspassa da história para a solidariedade. (MACHADO, 2017, p. 47)

Por se tratar de narrativas orais, memória coletiva e tradição precisamos considerar que “a apreensão plena do tempo passado é impossível, como é a apreensão de toda a alteridade” Ecléa Bosi (2003, p. 53) há uma seleção natural sobre o que nossas fontes e nascentes escolhem revelar e uma outra seleção, igualmente natural, condizente com as minhas inquietações e desejo ou não de partilhar algo que ouvi. Pensar o tempo como uma espiral nos ajuda a perceber que essa naturalidade em selecionar o que silenciar, por que silenciar e quando. A linearidade não condiz com essa forma de perceber o tempo, pois, “o presente é o momento idealmente concebido sem duração. É o tempo presente do passado que também é o presente do futuro” Vanda Machado (2017, p. 52).

Cada ser participante nas práticas dos rituais de vínculo e aprendizagem passa a se perceber na fala das demais pessoas, mas também percebendo em si familiaridades impulsos e memórias afetivas presas a suas entranhas que nunca antes recebeu um olhar que buscou compreender amorosamente questões internas e também dores que não lhe pertencem, mas que lhes fere. Quero dizer que “o

mundo e a comunidade somos nós. Para compreender o mundo é preciso compreender a nós mesmos e nossas vivências individuais e coletivas” Vanda Machado (2017, p. 52). Essas práticas vão tecendo percepções sobre a alteridade ao fomentar a escuta profunda livre de julgamentos e contra argumentações no momento dos encontros dialógicos, dos círculos de cultura e nas histórias de vida.

Um exemplo de consciência comunitária que muito me toca é pensar em como negros africanos de diferentes nações e línguas, inclusive de nações conflituosas dividiram o mesmo espaço desde a desumana viagem transatlântica criaram/reinventaram formas de resguardar e eternizar elementos da memória coletiva de suas nações de origem e criar aqui uma identidade negra para garantia de subsistência até mesmo nos momentos diaspóricos. O candomblé é uma criação comunitária, solidária de coexistência de povos e nações para manutenção de línguas, práticas, e ritos tradicionais de origem africana.

Sem esquecer-se dos povos indígenas conhecedores das matas que mostraram caminhos e deram guarita auxiliando para a existência de alguns quilombos.

As mais velhas e os mais velhos, mestres e mestras griôs são as fontes que tanto nos ensinará sobre nossas lutas e conquistas ancestrais, sobre viver em comunidade, perceber o mundo natural de maneira mais sensível e se utilizar da medicina tradicional nos processos de cura.

### 3.2.1 Quem são os griôs?

A palavra griot/griote (feminino) é de origem francesa, Griô é um jeito brasileiro proposto por Lilian Pacheco através da Associação Grãos de Luz e Griô.

Hampâté Bá (2010, p. 11), nos explica que “os grandes depositários da herança oral são os chamados tradicionalistas [...] em bambara chamam-nos de *Doma ou Soma* ‘Conhecedores’ ou *Donikeba*, ‘fazedores de conhecimento” sendo estes a memória viva de fatos ocorridos preservada pela tradição, zeladores da memória também contemporânea, esses tem um sério compromisso com a autenticidade da transmissão.

Hampâté Bá (2010, p. 14) segue nos dizendo que não devemos confundir os mestres tradicionalistas com os que ensinam enquanto divertem, “estes geralmente pertencem a casta dos *Dieli* (griots)”. Aos Griots “a tradição lhes concede o direito de

travesti-la ou de embelezar os fatos, mesmo que grosseiramente, contanto que consigam divertir ou interessar o público” sendo estes, trovadores, contadores de histórias, músicos, poetas, animadores de público.

Apoiada na ideia de que “a tradição oral tem sua própria pedagogia, política e economia de criação, produção cultural e transmissão de geração em geração.” Lilian Pacheco (2015, p. 64) conceitua o termo Griô como:

todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo. Lilian Pacheco (2015, p. 64)

Neste trabalho mestres(as) da tradição oral, griôs consultados são chamados de fontes e nascentes orais das quais falaremos melhor mais adiante nos capítulos quatro e cinco.

#### 4 O VENTO PEGA PELA PALAVRA: PODER E IMPONÊNCIA DE FONTES ORAIS

*Vá andando, Rose. Vá andando que você vai entender. – Mestre Zoinho*

Passando por constantes mudanças, respeitando o meu tempo, buscando perceber, buscando ser. Com toda a cautela que se encontra em mim, iniciei minhas andanças indo ao encontro das nascentes de cultura dessa terra, procurando entender essa herança cultural diversa, solidária, multidisciplinar, consciente e amorosa.

Primeiro o levantamento nominal e geográfico de alguns terreiros, depois, o rascunho e a pintura do pano com toda a ludicidade e colaboração de crianças, mas tive que atentar para alguns possíveis equívocos representacionais. E nasce um novo rascunho e uma nova pintura, muita leitura e preparação para poder estruturar um pedido de auxílio às mestras e mestres, cartelas manuais até finalmente ser chegada a hora do primeiro encontro.

É preciso entender a noção espiral do tempo, é preciso ter paciência e compreensão comigo mesma, o que quero saber não virá de bandeja, aliás, o que eu quero saber mesmo? Já é tempo de aprender sobre isso? Paciência! Tem coisas que só entenderei daqui a alguns anos. O saber tradicional é dado a conta-gotas de acordo a sua real necessidade. A ânsia de querer respostas, ajuda a mostrar como minhas perguntas muitas vezes são fúteis, o conhecimento de griô é cheio de bondade e é partilhado de acordo ao grau de maturidade e necessidade real do aprendiz. É como diz o mestre Jurandir “Se você ainda não sabe andar, não adianta querer correr”.

No livro *Meu caminhar, meu viver* Makota Valdina (PINTO, 2015) nos explica um dizer muito antigo, “o vento pega pela palavra” ela nos diz que as palavras tem muito poder, que muitas vezes falamos coisas (boas ou más) e elas se concretizam, que acontece de ser dito algo a “sós” e posteriormente isso pode ser revelado por um caboclo, por exemplo, diante de todos durante um ritual ou festejo. Por esse adágio podemos perceber como se dá a relação do homem com a natureza nas comunidades tradicionais, comunhão entre o visível e o invisível na busca de equilíbrio entre esses mundos. Hampâté Bâ (2010, p. 174) nos diz que na tradição africana, “a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em

relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca.”

Diante das mestras e mestres que conversei no decorrer das atividades da pesquisa ficou evidente o cuidado que a cultura afroindígena requer, pois, exige um tratamento que considere toda a diversidade, evitando dissociações, enquadramentos ou hierarquizações tão caras às condutas de sociedades industrializadas.

O jogo de trilha não tem por intenção fazer um apanhado, profundo antropológico minucioso sobre o candomblé, mas trazer noções básicas acerca da pluralidade das nações e seus ritos, símbolos, arquétipos, cosmovisões etc. Assim como ressalta Vanda Machado (2017, p. 56) ao afirmar que

O pensamento africano não se separa, não se hierarquiza. Corpo, mente, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos.

Portanto, na elaboração do jogo reconhecemos essas especificidades e procuramos fazer nessa prática pedagógica um material que trás um bom levantamento sobre este tema, sendo um conteúdo fixação, básico que tem por finalidade desestigmatizar alguns dos assuntos importantes que esse trabalho engloba.

Uma vez que é necessário respeitar as nuances e as facetas distintivas de cada nação e das nações “casadas”, lidar com a subjetividade e com as características específicas que possui um saber/fazer transmitido em relações intergeracionais através da oralidade. Comparações entre nações à procura de purismos no candomblé seria recomendado, porquanto “A memória ancestral reorganizou a identidade coletiva de negros e negras escravizados no Brasil, mas sempre com algumas ressalvas, que não vamos considerar como perdas.” Vanda Machado (2017, p. 56).

#### 4.1 ENTRE FONTES E NASCENTES

Os dados informacionais identificáveis no jogo de trilha dispõe um acervo diverso de fontes de informação, pois, todos os símbolos e todas as cores utilizadas

carregam significados e referências, no tabuleiro a disposição geográfica que representa o território urbano de Salvador com as referências simbólicas e culturais dos espaços de terreiros torna possível localizar-se geograficamente, desenvolver sentimento de identificação e perceber símbolos fortes do nosso território e da nossa cultura.

Os colares feitos de contas coloridas e sementes penduram uma pequena bolsinha que irá carregar os grãos ganhos no decorrer do jogo, miniaturas de personagens caminhantes da cidade representam cada jogador e o livro de consulta, também feito a mão, carrega informações bibliográficas, frases de fontes orais, curiosidades, e reflexões inclusive ambientalistas. As cartelas do jogo trazem ilustrações de símbolos e arquétipos fortes do candomblé e da cultura indígena que resiste em Salvador. Trazemos várias questões sobre o crescimento urbano e desenfreado da nossa capital e os impactos causados, nossa nativa e sua importância, nossos rios, além de dados sobre aldeamentos e quilombos na cidade de outrora, para que nos apropriemos da nossa cultura e dos nossos direitos socioambientais trazendo uma reflexão sobre o racismo estrutural e sobretudo sobre o racismo ambiental na cidade de Salvador.

na apropriação está implicada uma ação de deslocamento de algo que se torna propriedade de outra coisa (propriedade com o significado de elemento constitutivo), ou posse de alguém. Nesse processo está implícito que o objeto não pertence à coisa ou ao sujeito, mas está dado ou disponível no mundo. (BATISTA, 2014)

Pensamos aqui a apropriação da informação como decisória na construção da identidade do ser que atravessa os níveis de consciência, reconhecendo o seu lugar de fala, aberto a ouvir e dialogar (trocar realidades) com o lugar de fala do outro. Nosso exercício de consulta às fontes se deu dos conhecedores mais novos aos mais velhos, buscando intermediários que além de contribuir com o seu conhecimento de iniciado se dispõe a abrir caminho para que tenhamos acesso às nascentes.

Uma pesquisa entre fontes terciária, secundária para ascender a fonte primária. Campello (2000, p. 4), define as características dessas três fontes como:

[As fontes primárias] registram informações que estão sendo lançadas, no momento de sua publicação, no corpo de conhecimento científico e tecnológico. As fontes primárias são, por essas razões, difíceis de serem identificadas e localizadas[...] As fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido,

dependendo de sua finalidade. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, anuários e outras. As fontes terciárias são aquelas que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São as bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras.

Fazendo uma alegoria, penso que os conhecedores à quem me refiro como mediadores são as minhas fontes orais de origem secundária, homens e mulheres iniciados no candomblé ou não, mas que estudam a nossa cultura e tem contato forte com um mais velho ou mais velha mestre da tradição oral que aqui eu considero como nascente que são às aqui minhas fontes orais de origem primária.

A nascente não costuma ser acessível, um bom mateiro<sup>4</sup>, guia com seu facão abrindo trilha pelas florestas fechadas que protege tamanha riqueza, a andarilha segue atrás atenta às histórias e curiosidades sobre aquela mata, no caminho também saciam a sede graças a bicas e fontes importantes para a continuidade dessa rica caminhada e que por sua vez também indicam caminhos para chegar à nascente.

Porém, “a CI [Ciência da Informação] estabelece restrições no seu trabalho com as narrativas, esta vem trabalhando apenas com as narrativas registradas em suporte material” Francilene Cardoso (2015). E as valiosas fontes e nascentes de informações ancestrais recheadas de conhecimento empírico sobre ciência, arte e ofícios acabam por não receber o olhar cuidadoso que merece por parte Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Podemos pontuar nesta postura um traço evidente do que o racismo estrutural evoca. Ora, se

peças que viajam mais freqüentemente a diferentes partes do mundo, vão a bibliotecas (incluindo as bibliotecas naturais), escutam notícias, lêem jornais e, agora, quem trabalha com cadeia de emissoras no computador sabe mais do que aqueles que não o fazem. Isso é o “poder de engavetar planos, idéias”, a chave para a ativa aprendizagem. Sem ela Muntu - o ser humano torna-se submetido permanente aprendizagem passiva que é o agente condutor à ignorância. E colonização, escravidão, opressão e prisão têm conduzido muitos nesse vicioso ciclo de vida. (FU-KIAU, [2004?], p. 7)

A oralidade brasileira que é composta principalmente das raízes indígena e africana. Nota-se um cerco fechado para os povos afro e indígenas privando-os acesso e mais, subestimando e inferiorizando seus saberes e fazeres. O descredito

---

<sup>4</sup> Pessoa que vive na mata e guia trabalhadores/brigadistas ao interior das florestas. Sábios guias.

à riqueza das nossas fontes e nascentes orais é uma prova do racismo estrutural que existe na postura da Ciência da Informação denunciada na fala da autora Francilene Cardoso (2015) que também pontua várias questões acerca da memória coletiva e da construção de identidade considerando a participação dos equipamentos culturais no combate ao racismo estrutural. Em seu livro ela reflete que

A identidade é uma construção social, mas também política, podendo ser afirmada ou não ao longo da história. Trabalhar para a (re)construção da identidade negra exige a mediação de informação e conhecimento, portanto perpassa **o espaço da biblioteca. Esta assim como outros espaços sociais, tem reproduzido o preconceito e a discriminação racial.** (CARDOSO, 2015, p. 97 grifo nosso)

Ao discutir sobre as fontes de informação na biblioteca escolar, por exemplo, a postura do bibliotecário (a) que se propõe a trabalhar os diferentes recursos informacionais, devendo assumir também o seu papel natural de educador(a) tendo em vista o seu ambiente de trabalho e a sua atuação dentre os(as) estudantes. Segundo Silva (2005), esse profissional é responsável por:

Desenvolver nos estudantes competências necessárias para a aprendizagem ao longo de suas vidas, instigando a sua imaginação e fornecendo subsídio para tornarem-se cidadãos responsáveis pela sociedade em vivem e pelo seu próprio futuro. (SILVA, 2005, p. 125)

Sensibilizando, conscientizado e incentivando práticas e exercícios que trás uma reflexão crítica sobre lugares sociais impostos e a alienação que é efetivada quando não nos colocamos no lugar do outro, não considerando outras realidades e suas particularidades.

A abolição do tráfico de escravos e descolonização não libertou completamente o povo africano em todas as partes onde eles são encontrados. Cadeias, prisões e projetos de alojamentos incrementados com grande rapidez são feitos não somente para controlar seus movimentos, mas para mantê-los fora das bibliotecas naturais, escolas e empregos. (FU-KIAU, [2004?], p. 7)

Mestre Didi nos chama atenção para a arquitetura de escolas e bibliotecas que reforçam uma frieza que não nos pertence, uma hierarquia que não cultivamos em nosso seio comunitário e uma opressão que tem por intenção silenciar pensamento crítico. Ele nos diz que a escola oficial com o seu modelo eurocêntrico “se propõe a educar o corpo e a mente através do exercício da escrita” e que em

decorrência dessa prática reducionista as pessoas são lesadas com uma “atrofia dos demais sentidos e da expressão e movimentos corporais” (SANTOS; LUZ, 2007, p. 165). E segue afirmando que

Arquiteticamente, a escola se constitui para essa finalidade de condicionamento delimitado pela atrofia do corpo inerte, comunicação olho-livro (escrita) cérebro, em que mesmo as propostas lúdicas estão inspiradas neste enquadramento. (SANTOS; LUZ, 2007, p. 165)

Assim também acontece nas bibliotecas que em verdade, na maioria das vezes ocupam edificações que não foram projetadas para compreender tal equipamento, mas ainda que se pensada desde a planta corre-se o risco de cair na representação da biblioteca eurocêntrica.

Geralmente não há espaços para conversas e gargalhadas, não há espaço para comida, não tem dança nem música, uma caixa de concreto protegendo livros, assim é pensada a sua completude. Esse ambiente podia considerar a oralidade, a corporeidade, a fonte de informação da natureza, para mim toda biblioteca precisa de área verde, queria também poder comer e conversar naturalmente e sinto falta porque as bibliotecas da minha cidade não pensaram nesses espaços. Mestre Didi a define como “envolta em ‘espiritualidade’ positivista, silêncio e solipcismo acima de tudo” (SANTOS; LUZ, 2007, p. 165, sic).

Nesse sentido,

[...] ao atribuir estas noções herdadas da colonização, reforça-se uma estereotipia discriminadora que não reconhece as diferentes formas de literatura dos diferentes povos na contemporaneidade, literatura esta que inclui suas religiões, mitos, rituais sagrados, cânticos, pensamentos [...] pensar a literatura apenas nos suportes do livro, de modo impresso, desqualifica outros tipos de expressões, quando, na verdade, vemos na oralidade diferentes formas de manifestações estéticas que podem ser denominadas como literatura, não tomando como parâmetro a ocidentalizada, mas aquela que tem na sua expressão uma assertiva cultural ligada à tradição oral e às práticas ritualísticas (portanto, não somente sob a forma impressa, livresca). (DORRICO, 2017, p. 218)

Onde o silêncio impera a tradição oral não faz morada, pois, esta é viva, celebra, expressa, canta, dança, abraça e acolhe. Para preservar a altivez da nossa cultura na biblioteca será preciso descolonizar esse espaço.

Assim poderemos dispor de diferentes fontes de informação e com isso dar conta dos nossos patrimônios culturais imateriais brasileiros como samba de roda,

capoeira, o acarajé, entre outros em nossas bibliotecas onde se prega a disseminação e o acesso à informação.

Para mim fonte de informação é tudo que existe no mundo natural, que tenha existência física ou não, bem como as práticas sociais e a relação do ser humano com a natureza.

O mundo natural é o que nós vemos, tocamos, sentimos, saboreamos e ouvimos e ainda assim nós não podemos alcançar o significado em sua totalidade. É o mistério de todos os mistérios. É o cerne do que é espiritual e sagrado. [...] Nós somos “sagrados” porque nosso mundo natural é sagrado. (FU-KIAU, [2004?] p. 8)

O mundo natural, a cosmovisão<sup>5</sup> e a ciência são fontes de informação de grande relevância, porém requerem sistematizações distintas. Enquanto a ciência se utiliza mais da cultura escrita com as publicações impressas, a cosmovisão é fundamentada principalmente na oralidade, na sensibilidade intuitiva, nos mitos e crenças, nela cabe a subjetividade humana e por essa razão pode ser tão complicado enquadrá-la na cultura escrita.

A tradição oral é um sistema ou rede cultural viva de mitos, ritos, cantos, danças, brincadeiras, arquétipos, instrumentos, objetos, símbolos, culinária, ofícios, ciências de cura, expressões artísticas e artesanais que é criada e recriada com referência na identidade e ancestralidade de um povo, conduzindo sutilmente o processo de elaboração, aprendizagem e transmissão de seus saberes, bem como de seus sentimentos, valores éticos, histórias e projetos de vida. (PACHECO, 2015, p.81)

As fontes orais foram imprescindíveis para a elaboração do jogo, e o fato do meu lugar social ter raízes na oralidade foi algo que me deu uma sensibilidade a mais para com o processo de pesquisa neste campo da tradição oral, pois, bem sei respeitar e compreender os preceitos de cada griô. Ciente de que os mestres não estão a minha disposição e que não estão aí para superar as minhas expectativas de pesquisadora. A cada dia aprendo mais sobre a humildade.

Sobre o que fiz com as informações coletadas, relatadas e o que foi construído com elas, assim como em que elas serviram em cada parte do jogo, tratarei no próximo capítulo.

---

<sup>5</sup> Maneira subjetiva/ intuitiva de ver e entender o mundo e as relações humanas.

## 5 A ESPIRAL: RESULTADOS ANÁLISES DISCUSSÕES

*Só falei o que o sinhô queria ouvir – Caboclo Capangueiro*

Estou fazendo capoeira desde agosto do ano passado (2018), fui acolhida com muito carinho lá no Centro Esportivo de Capoeira Angola - CECA, aprendo com os discípulos do mestre João Pequeno de Pastinha que hoje são meus mestres. Iniciei a caminhada para a realização do jogo de trilha combinando um almoço na casa de Eli que também é integrante do CECA, fomos eu, Laís, Anderson e Juliane passamos o dia lá com a presença do mestre Jurandir, tomamos café e preparamos uma moqueca de peixe, embalados por sambas improvisados, histórias sobre a capoeira da velha guarda e ditos populares.

O mestre Zoinho chegou às 12h e nesse momento pude falar sobre o jogo de trilha, despertando a curiosidade de todos em cada detalhe sobre a construção e a futura aplicação desta prática pedagógica.

Em muitos momentos da minha vida sinto como se eu fosse um segredo revelado, um código decifrado, um pano transparente e eu me senti assim frente aos mestres e amigos, naquela cozinha. Tantas perguntas, e, as minhas frágeis respostas naturais da insegurança de início de pesquisa. Fiz certo ao procurar meus mestres para que eles me dissessem como iniciar essa andança. E começamos a conversar sobre como seria as minhas visitas às mestras e mestres da tradição do candomblé.

O mestre Zoinho parecia saber tudo sobre mim, tudo o que passava em minha cabeça naquela hora, todos os meus sentimentos, tudo, só de me encarar, acho que nesse momento alcancei o máximo da minha transparência e em meio a agitação daquele instante ele indagou “Quem te acompanha, Rose? Você sabe quem te acompanha?!” - eu não sei, respondi. O mestre se despediu rapidamente e foi embora, essa pergunta ressoa em mim até hoje. Ele também me deu um aviso “você precisa se cobrir, não vá assim aberta não!”.

As fontes orais são nascentes misteriosas, cujas respostas são enigmáticas e por vezes se propõe a testar a confiabilidade do ouvinte. Raramente as fontes orais se reconhecem como detentora de um vasto conhecimento, corriqueiramente recebemos como resposta “eu não sei sobre esse assunto” e com mais um tempinho de conversa revela-se grande sapiência sobre o que fora questionado.

## 5.1 JOGO DE TRILHA GRIÔ: UMA PRODUÇÃO PARTILHADA

O jogo de trilha griô Nações Afroindígenas em Salvador, é uma prática da pedagogia griô, foi produzido pela educadora griô Rosevânia Machado, Naiara Santos, Priscila Martins, Izabel Dantas, envolvendo os saberes e fazeres de mestras e mestres griôs Vovó Cici, Makota Valdina, Mestre Zoinho, Mestre Jurandir e Professor Cardoso, no contexto do curso de Formação da Pedagogia Griô assessorado por Lillian Pacheco.

O mapa do jogo representa o território urbano de Salvador com as referências simbólicas e culturais dos espaços de terreiros: Fundação Pierre Verger, Terreiro do Gantois, Terreiro Tanuri Junsara, Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca), Zoogodô Bogum Malê Rundó (Terreiro do Bogum), Tumba Junsara, Pilão de Cobre, Pilão de Prata, Ilê Axé Asipá, Ilê Axé Opó Afonjá, Mansu Banduquenqué (Terreiro Bate Folhas), Ilê Maroialaji Alaketu, Ilê Asé Kalè Bokùn, Ilê Axé Oxumaré, Bacia do Cobre, Igreja Nosso Senhor do Bomfim e Casa de Yemanjá. O mapa também representa referências geográficas Dique do Tororó, Final de Linha Engenho Velho da Federação, Rio Lucaia, Rio Jaguaribe, Rio Trobogy, farol de Itapuã e farol da Barra, Largo da Mariquita, Parque São Bartolomeu ou, como chamado pela comunidade, Oxumaré.

Os bonecos e bonecas do jogo representam figuras caminantes no cotidiano de Salvador: capoeiristas, baianas, ganhadeiras (lavadeiras, vendedoras de cocada, pamonha, cuscuz, etc. chefes de família que faziam de tudo e mais um pouco para sobreviver) vendedores para obrigações (vendem por obrigação em respeito a algum preceito do candomblé), vendedores de e caranguejos e pescadores.

### 5.1.1 Elaboração do jogo de trilha

O primeiro passo foi fazer um levantamento sobre alguns dos terreiros mais tradicionais de Salvador/BA e elaborar um rascunho e como seria essas casas localizadas geograficamente no território identitário soteropolitano. Fora feito um refinamento para que não sobrecarregássemos o jogo de informações, até porque não temos a intenção de fazer um mapeamento dos terreiros de candomblé. Nossa proposta é salientar a presença dessas casas, sua importância para a memória

coletiva da cidade e seu papel quando reconhecidas como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN como patrimônio cultural.

**Figura 4 -** Primeiros rascunhos (papel cartão e metro): Terreiros e alguns locais geográficos que referenciam a cidade de Salvador/BA.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

**Figura 5 -** Rascunho reelaborado com o grupo no pano de tecido cru.



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Feito o desenho no pano, nós combinamos um encontro para a pintura do jogo de trilha e encaminhamento de outras atividades do programa, nessa ocasião eu não pude ir, pois, estava facilitando o curso Agente de Cultura Griô pela Rede de Ação Griô Bahia.

Nesse encontro a pintura foi feita, mas sentimos falta de mais referências geográficas e culturais de Salvador as quais não constavam desde o rascunho.

**Figura 6 – Pintura do jogo com a colaboração de crianças**



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Nesse ponto nós constatamos que o uso de algumas cores descaracterizaram algumas representações ilustradas. Também percebemos que os símbolos e arquétipos que nos localizaria na cidade de Salvador/BA precisavam ser mais evidenciados.

Então, desenhamos um novo pano, que é o que demos continuidade, Seguindo um novo rascunho iniciamos a pintura também em um pano de tecido cru.

Na figura, a seguir, estão alguns da turma e membros da equipe responsável pelo jogo. Da esquerda para direita: Priscilla, Naiara, Izabel, Rebeca, Rosevânia e Humberto.

**Figura 7 – Turma e membros da equipe responsável pelo jogo**

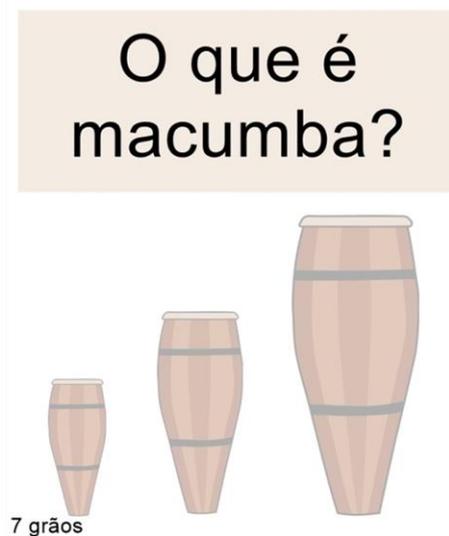


Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Nesse mesmo dia, demos início a elaboração de perguntas e pegadinhas, também foi entregue a Priscila os colares para a costura das bolsinhas.

A partir daí começamos a pensar como seriam o design e o material das cartelas e o livro de consulta. No programa de computador começamos a construir as cartelas aos poucos:

**Figura 8 – Primeiro modelo de cartela do jogo**



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

O módulo 10 do curso de Formação em Pedagogia Griô sempre acontece em Lençóis/BA, é o momento em que vivenciamos a trilha griô do Quilombo do Remanso com a presença do Velho Griô, e de mestres e mestras da comunidade, fazemos várias vivências de trocas com turmas de outros estados, amadurecemos conceitos de mitos, símbolos e arquétipos e vivenciamos uma experiência única de autoconhecimento e troca intensa com o mundo natural em uma trilha guiada por Márcio Caires e Lilian Pacheco.

Depois da visita ao Quilombo do Remanso nós vimos o jogo de trilha do quilombo com um olhar familiarizado e nessa ocasião a turma de Salvador compartilhou um pouco sobre o processo de elaboração do jogo de trilha griô Nações Afroindígenas em Salvador.

**Figura 9** – Apresentação do andamento do jogo no módulo 10 do Curso de Formação em Pedagogia Griô que aconteceu em Lençóis/BA com a presença de formandos de outros estados do Brasil.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Eu voltei desse módulo querendo colocar mais ação no andamento do jogo, recebemos um retorno positivo dos formandos que viram nosso jogo, então eu quis mostrá-lo aos meus mestres para a partir daí poder conversar com mestres, mestras e demais conhecedores do candomblé.

Dei início a feitura improvisada das cartelas, com a intenção de serem provisórias, pois, eu não tinha como imprimir as cartelas coloridas e precisava mostrar o jogo aos meus mestres de capoeira. As cartelas são pintadas a mão em papel cartão, sem uniformidade nem nos traços, nem no corte:

**Figura 10** – Confeção artesanal das cartelas do jogo que foram aceitas também pelo restante da turma



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Apresentando o trabalho aos meus mestres de capoeira. Ponto de partida para dar início a consulta às fontes e circulação do jogo:

**Figura 11** – Mestre Zoinho e mestre Jurandir são do Centro Esportivo de Capoeira Angola - João Pequeno de Pastinha.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Consultando o que falta ser representado no mapa:

**Figura 12** – O jogo sendo apresentado na ocasião da reunião na casa de Eli.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Fora acrescentados alguns símbolos importantes como grafismo indígena, pena e um arco-íris, pois, sonhei que as representações indígenas precisavam ser mais evidenciadas no jogo.

**Figura 13** – Finalizando a pintura do jogo durante o curso.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Nas imagens a seguir, apresentamos o resultado final da elaboração do jogo:

Figura 14 – Jogo finalizado.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 15 – Cartelas finalizadas



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ao passo que explicamos e apresentamos a elaboração do jogo em si, a seguir discutiremos sobre as fontes de informação utilizadas.

## 5.2 FONTES, BICAS E NASCENTES

Quem me acompanhou no início da pesquisa sabe que tive muito receio de “não saber chegar” ou de me propor conversar sobre um assunto do qual eu não tinha nenhuma bagagem. Fiz o levantamento de algumas obras que poderiam me ajudar de alguma forma: *Pele da cor da Noite*, Vanda Machado; *Meu caminhar, meu viver*, Makota Valdina Pinto; *A formação do candomblé*, Luis Parés; *O rei Nasce aqui* Oba Biyi, Mestre Didi, etc. também assisti diversos documentários e filmes que abordavam o tema. O que resultou em um leve sentimento frustração, porque dada a complexidade do tema e as múltiplas verdades apresentadas, eu fiquei bastante perdida e confusa, mas ainda assim encontrei nessas o mínimo de segurança para poder iniciar um diálogo sobre isso e buscar aprender e entender as similaridades e disparidades entre línguas, arquétipos, mitos e ritos.

Instintivamente recorri ao conselho que posteriormente constatei no livro *O tempo vivo da memória* de Ecléa Bosi (2003, p. 59), quando ela sugere algumas dicas aos pesquisadores da história oral, inicia dizendo:

Antes do encontro com o depoente, convém recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o estimulem a responder. Uma consulta às publicações: jornais, revistas, músicas, livros [etc.].

Logicamente, esse também foi o conselho do meu mestre ao dizer que antes eu precisava me “cobrir”, quantas interpretações são possíveis à esse alerta?

Um fluxo energético se abriu no momento que iniciamos essa pesquisa, uma corrente fluida e sutil me levou a pessoas e lugares. As informações chegaram de diversas formas pra mim. De repente o pernoite na cidade de Cachoeira/BA para participar da Festa Literária Internacional de Cachoeira, BA - FLICA foi em um terreiro de candomblé, a oficina de muzué no Quilombo do Remanso aconteceu na casa de uma mãe de santo do Jarê<sup>6</sup>, o samba que me convidaram em Acupe/BA era samba de caboclo, enfim, várias “coincidências” que me puseram em lugares que

---

<sup>6</sup> Religião de matriz africana específica da Chapada Diamantina/BA

me ensinaram muito e contribuíram significativamente como os avanços do jogo. Os símbolos e arquétipos se apresentaram por meio de sonhos também, recebi recados, conselhos e ideias para o jogo que foi imprescindível para a manutenção do respeito e da atenção a representações simbólicas e a formulação de perguntas.

Em sonho, Lilian Pacheco me disse que para que eu fizesse um bom jogo de trilha, eu deveria antes fazer a minha árvore genealógica. Não conseguia avançar muito na construção da minha árvore, mas depois desse sonho consegui recuperar informações valiosas.

Conversando com minhas tias Raimunda e Rosália (que é também a minha madrinha). Descobri em minha ancestralidade três tias avós e uma bisavó, mães de santo consagradas na cultura de raiz afroindígena, que infelizmente não tive a honra de conhecer.

Minhas amigas ligadas ao axé me indicaram livros e pessoas, a minha orientadora me colocou em contato com um rapaz iniciado e estudioso do candomblé, a minha madrinha intermediou minha visita e conversas nas casas de candomblé do nosso bairro (Engenho Velho da Federação) e arredores. Maria relatou sobre sua iniciação e me contou sobre sua roça. Mafá e Sávia me contaram da experiência delas, do culto ao Ifá e suas críticas, reflexões e aprendizagens sobre essa rama recente (em solo brasileiro) da cultura yorubá.

Minha madrinha sempre me levou a pessoas e lugares, percebi nela uma grande fonte de informação de natureza secundária (minha guia mais querida), ela detém bastante conhecimento sobre o nosso bairro (Engenho Velho da Federação) e tem boa relação com todos e todas.

Terceira Travessa Fonte do Forno, o nome da minha rua faz menção a presença de fontes na região, e eram muitas fontes, eu conheci cerca de dez. Aqui nós temos uma lavagem anual cujo trajeto passa por essas fontes, algumas hoje foram aterradas ou tem acesso restringido. Em minha rua, exatamente, existiam cerca de três fontes a da casa de Seu Norato, a do terreno de Dona Neném gorda e a que ainda resiste na frente da casa de Dona Creuza. Nosso bairro tem muita água, assim como tem muitos terreiros de candomblé e isso não é mera coincidência.

Na graduação quando se fala de fontes de informação não consigo evitar tal associação. Na falta de água nas torneiras, filas se formam na bica da fonte, muitos moradores utilizam dessa água diariamente, eu já tomei vários banhos ali ao chegar

da bacia das moças na praia de Ondina, é lugar de jogar conversa fora, lavar pratos e roupas. Pra mim não existe melhor exemplo de fonte de informação?

O jogo de trilha griô pede a presença da comunidade em sua construção e ele deve ser feito com base em fontes, bicas e nascentes informacionais. A minha madrinha, além de guia é uma fonte de histórias e causos, é bastante adequado e poético associa-la à água limpa que brota da terra.

Assim, apresentamos no quadro a seguir, como foram entendidas e classificadas as fontes utilizadas neste trabalho.

**Quadro – Tipos de fontes utilizadas e sua classificação**

a) primária	aqui nomeadas como nascentes informacionais, fazendo uma alusão às diferença entre fontes e nascentes de água. São mestras e mestres da tradição oral, rezadeiras, mestres(as) de capoeira, cantadores e sambadeiras etc. todo mais velho ou mais velha de comunidade e povos tradicionais que ocupam um lugar de sabedoria em seu território identitário;
b) secundária	aqui referenciados como mateiros, guias, conhecedores dos caminhos que devemos percorrer para termos acesso às nascentes de informação. São Pesquisadores, iniciados, amigos e familiares que nos dão informações importantes e nos indicam caminhos, já que seus conhecimentos ainda não são tão amplos quanto os de um(a) mestre(a);
c) terciária	neste trabalho representam o primeiro contato com o tema, foram estes os indicadores que serviram para dar uma noção sobre a complexidade deste tema, são eles livros, artigos, catálogos, filmes/documentários e webs consultados ao longo de toda a pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

É bastante intimista este modo de pesquisa, uma vez que as minhas fontes de informação estão diante de mim visualizando minhas potencialidades e fragilidades, por isso, sugestões, opiniões, críticas, conselhos e advertências foram surgindo naturalmente e isso justifica a riqueza deste trabalho (o jogo de trilha) já que recebeu cuidadosas contribuições de todas as pessoas que tiveram contato com o material. Todo o cuidado e generosidade tanto com o jogo quanto comigo se deu por este se tratar de um sonho coletivo.

### 5.3 USO E APROPRIAÇÃO DAS FONTES ORAIS

Segui alguns conselhos, sobretudo em relação ao campo energético do meu corpo, hoje faço uso de umbigueiras. A mestra Nádia Akawã me chamou atenção

para usar algo que “feche” o corpo durante a minha lua, em uma vivência sobre o feitio e os modos de uso do tabaco feito tradicionalmente numa ritualística que remota o tempo das suas ancestrais tupinambás do aldeamento de Olivença no sul da Bahia onde ela vive.

A umbigueira representou um processo de cura muito bonito. De início ela partiu, perdeu, quebrou-se, rachou os pingentes, cristais e sementes utilizadas para potencializar o efeito desse amuleto utilizado em diversas culturas, também chamado de jóia do ventre. Tantos significados possui esse símbolo hoje pra mim. Não vivi esse processo sozinha, Sávía Santana intuitivamente cuidou de mim através da feitura ritualizada dessa jóia que hoje me cobre concretamente. O mestre Zoinho bem disse que era melhor se cobrir.

A minha guiança foi repleta de pessoas misteriosas que compartilharam frases valiosas, grávidas de sentido para mim, algumas foram utilizadas em local de destaque aqui no texto, encabeçando os capítulos. Outras foram transformadas em perguntas ou conteúdo para o livro de consulta do jogo e as mais íntimas, guardei.

A construção das perguntas foi uma parte bastante delicada, porque, estas precisam ser perguntas universais, mas o candomblé possui um sistema muito complexo formado por nações, línguas, práticas, ritos e símbolos diferentes que possuem suas similaridades e distinções.

As perguntas foram elaboradas e passaram por constantes correções cada guia ou mestre chama atenção para um detalhe diferente. Recebemos colaboração do grupo do curso de formação em Pedagogia Griô, mas também contribuíram de forma direta com perguntas: Mafá Santos, Manoel Miranda, Laís Souza e o Professor Edson Cardoso.

A partir das conversas acerca do tema pude sistematizar o que o meu imaginário produzia a cada diálogo e daí nasceram desenhos, minhas próprias dúvidas viraram perguntas e algumas anotações ganharam como destino o livro de consulta.

A pergunta que fazia inicialmente às minhas fontes e nascentes orais era mais ou menos assim “O que você gostaria que as pessoas soubessem sobre o candomblé?” e a partir daí se desenrolava um diálogo sempre muito rico em amorosidade, pois, no geral a resposta trazia o desejo de desestigmatizar as afirmativas maldosas, racistas e infundadas que a sociedade prega ao longo dos anos sobre as culturas indígenas e negras.

“Do que sente falta representativamente no jogo?” recebi retornos reivindicando a presença mais evidente de terreiros de Itapuã, Liberdade, Plataforma e Ilha de maré, para além desses foi questionada a ausência dos terreiros de Lauro de Freitas e da Ilha de Itaparica.

O jogo se torna mais humano pelas contribuições orais, (contribuições intergeracionais dos mais velhos e das crianças também) o jogo de trilha já tem o seu próprio encantamento por não ter sido uma produção arbitrária. Ver as sugestões, dicas e informações sendo consideradas, aproveitadas e incluídas no jogo faz também com que cada um que fez parte do processo sinta sua colaboração sendo efetivada e valorizada.

O mestre Jurandir chamou atenção para a ausência de um terreiro de nação Ijexá no tabuleiro, informou sobre o Ilê Asè Kalè Bokùn, que imediatamente incluí no mapa do jogo, esse terreiro foi tombado como patrimônio cultural da cidade de Salvador/BA nesse ano de 2019.

O terreiro do Alaketu teve sua representação incluída no jogo após sugestão de Mafá, então, não fora só considerada as contribuições dos griôs, nossas nascentes informacionais, mas também de fontes como Mafá que apesar de ser jovem na idade, possui grande sabedoria acerca da nossa cultura, da tradição yorubá e da transmissão oral.

Todos esses contatos ativados, realizados ou não, tiveram por intenção enriquecer o jogo de trilha griô com informações da memória afetiva, coletiva, amorosa ou de luta, resistência e resiliência presente nas pessoas que aqui vivem (Salvador/Bahia).

Percebo no cotidiano da minha comunidade que a cultura de matriz africana permeia levemente algumas práticas. As folhas escolhidas para ficarem dispostas na entrada das casas, jogar água na porta de manhã, usar um galho de arruda atrás da orelha, chamar as vendas de “quitanda” e gritar “me despache!”, para ser atendido (a) nesses lugares, tem raízes nos fazeres do candomblé e nas línguas que vieram de África. Mesmo sem saber o porquê e o fundamento de certos costumes, as pessoas os reproduzem e isso também constitui a memória coletiva de um lugar.

Acredito que se não fosse o culto, o candomblé, teríamos ainda menos referências sobre nossas origens, se reis, rainhas e diversos profissionais que aqui chegaram na condição de escravizados tiveram seus nomes alterados, tanto o próprio quanto o sobrenome, e este processo é uma forma de diminuir e apagar a

identidade das pessoas as quais foram responsáveis pela impecáveis construções arquitetônicas da cidade, pelas manifestações culturais, culinária, musicalidade e dança que sempre foram cartões postais da cidade de Salvador/BA. Nossa cidade é feita com o suor de artistas injustiçados.

Nossa cidade histórica, marcada por lutas e conquistas que foram sutilmente silenciadas. Temos heróis negros cuja origem é dificilmente identificada, mas foi preservada graças à memória coletiva, pois seus nomes apenas foram mencionados em alguns registros, mas suas histórias de luta ficaram gravadas no imaginário da população baiana, como por exemplo, Luíza Mahin, Maria Felipa, João de Deus etc. Se para falar dos negros e dos indígenas na Bahia precisamos consultar também a história oral e o imaginário coletivo, então este é um indicador de que precisamos atentar para a memória dos nossos mais velhos e não esquecermos das outras versões sobre a história das pessoas e da cidade de Salvador.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Pode se preparar que essa caminhada não termina tão cedo. – Bira*

O processo de elaboração do jogo de trilha foi documentado, mas algumas das fontes e nascentes não tiveram seus nomes revelados aqui nesse trabalho de conclusão de curso, pois, evitei mencionar sobre essa pesquisa e sem falar em nome da Universidade Federal da Bahia, mas falando da Pedagogia Griô e da Associação Grãos de Luz e Griô.

O processo de elaboração do jogo de trilha não se finda aqui e mesmo que se dê por concluído poderá se retomado, atualizado, acrescentado, modificado e isso é muito importante, pois, durante a elaboração e aplicação do jogo de trilha griô Nações Afroindígenas em Salvador, nós contatamos diversas pessoas, mestras, mestres, zeladores de alguns terreiros de candomblé que não puderam nos receber por motivos diversos.

Em minhas caminhadas me deparei com diversos contratempos a quaresma obedecida por algumas casas; momento de festas e rituais fechados ao público; horário e local de algumas celebrações serem inviáveis para mim; a natural resistência por se tratar de um trabalho de pesquisa; falecimento de uma mestra griô; problema de saúde de uma mestra zeladora; falta de tempo por parte das mestras e mestres; agendas conflitantes e o meu prazo chegando ao fim.

Segundo Rui Póvoas (2007) os três princípios que regem o candomblé são respeito, preceito e segredo. Tão verdadeiro quanto a luz do sol, esses princípios cercam e protegem o candomblé, todos que consultei respeitam os três e escolhem as palavras cuidadosamente, eu concordo que não deve ser revelado mais do que eu preciso saber, mas foi muito interessante perceber ainda hoje o respeito e a valorização a suas crenças, costumes e sobretudo respeito à ancestralidade.

Ainda visitarei muitas casas porque a pesquisa para o jogo de trilha não termina aqui e já temos pessoas interessadas em colaborar, temos também professoras de história e sociologia pensando comigo a aplicação do jogo em turmas do primeiro ao terceiro ano do segundo grau e a aplicação do jogo durante o III Seminário Griô que acontece ainda esse ano (2019), são esses os débitos que deixo pendente nessa pesquisa.

Gostaria de ter tido mais tempo para poder conhecer mais pessoas, visitar mais casas e assim poder trocar mais. É preciso tempo para conquistar a confiança das pessoas, nós já fomos muito explorados e acabamos por ficar cismados com pesquisadores ainda que sejam boas iniciativas.

Acredito que precisamos potencializar o papel educacional da biblioteca e demais ambientes que tem por missão a disponibilização e acesso a informação, não só facilitar trânsitos informacionais, mas incentivar pensamento crítico, consciência comunitária e levantar problematizações sobre o senso comum. Oferecer cursos, oficinas, vivências, elaborar materiais didáticos, produzir!

Convido às novas pesquisas para o olhar da interseccionalidade, considerar a palavra dita, a memória oral e afetiva, considerar nossos patrimônios imateriais.

Percebendo-me como bibliotecária, educadora, agente cultural, autora dessa monografia. Sinto-me demasiadamente orgulhosa da minha participação na construção desse potente material, além disso, tornar público de forma detalhada como se deu o processo de elaboração dessa prática pedagógica tão rica e comunitária que é o jogo de trilha griô. Agradeço a possibilidade de aparecer em meu próprio texto, podendo dizer o quanto amei e o que eu senti.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, A. O indigenismo na era da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 158-191, ago. 2009.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 143 p. (Feminismos Plurais).
- ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian Albuquerque. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 22, p. 79-100, 2012. Número especial.
- ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleiciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasielle Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, v. 15, n.3, p. 53-61, jul./set. 2013.
- BATISTA, Carmem Lúcia. **Mediação e apropriação da informação pública: a educação fiscal**. 2014. 273 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola da Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. 219 p.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 319 p.
- CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra**. Curitiba: CRV, 2015. 114p.
- CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Educação Biocêntrica: ciência, arte, mística, amor e transformação**. Fortaleza: Edições CDH, 2015. 312 p.
- DORRICO, Julie. A oralidade no impresso: o 'eu-nós lírico-político' da literatura indígena contemporânea. **Boitatá**, n. 12, v. 24, p. 216-233.
- FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. **A visão bântu Kôngo da sacralidade do mundo natural**. Tradução portuguesa por Valdina O. Pinto. Salvador: ACABANTU; Rede KÔDYA, [2004?].
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980, 102 p.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África: metodologia e pré-história da África**, v. 1. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 168-212.

KIELY, Eugene; ROBERTSON, Lori. How to spot fake news. **Factcheck.org**, 18 nov. 2016. Disponível em: <https://www.factcheck.org/2016/11/how-to-spot-fake-news/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés Jeje-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrupo. 2. ed. Salvador: Corrupia, 2003. 216 p.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2. ed. Salvador: EdUFBA, 2017. 155 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio et al. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: Publicação Ibeca, 2003.

PACHECO, Lílian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006. 171 p.

PACHECO, Lílian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Diversitas**, São Paulo, a. 2, n. 3, set. 2014/mar. 2015.

PACHECO, Lílian. Modelo de Ação Pedagógica. *In*: PACHECO, Lílian (org.). **Escola de Formação na Pedagogia Griô**. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2017a. p. 1-6. No prelo.

PACHECO, Lílian. Pedagogia Griô: elaboração do conhecimento e referências metodológicas. *In*: PACHECO, Lílian (org.). **Escola de Formação na Pedagogia Griô**. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2017b. 12 p. No prelo.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 24, n.1, p. 61-70, jan./abr. 2014.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. 390 p.

PINTO, Valdina (Makota Valdina). **Meu caminhar, meu viver**. 2. ed. Salvador: Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado da Bahia, 2015

PÓVOAS, Ruy. **Da porteira pra fora**: mundo de preto em terra de branco. Ilhéus: Editus, 2007. 482 p. Disponível em: [http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/da\\_porteira\\_pra\\_fora.pdf](http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/da_porteira_pra_fora.pdf). Acesso em: 11 dez 2018.

SANTOS, Deoscoredes M. dos (Mestre Didi); LUZ, Marco Aurélio. **O rei nasce aqui**: oba biyi. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília, DF: Thesaurus, 2005. 264 p.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Olavobra, 2002. 158 p.

## ANEXO A – Lei 11.645, de 10 de Março e 2008

06/06/2019

L11645



### Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

#### LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

**“Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Fernando Haddad*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 11.3.2008.

## ANEXO B – Art. 216 Patrimônio cultural brasileiro

23/06/2019

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Fale com o Senado

Portais

### Atividade Legislativa



## Art. 216



Título VIII  
Da Ordem Social

Capítulo III  
Da Educação, da Cultura e do Desporto

Seção II  
Da Cultura

**Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.